

# SUMÁRIO

Uma nota aos leitores .....	1
Prólogo .....	7
Parte I: Enganando a morte.....	17
Parte II: Cai a cortina.....	133
Parte III: O mal vence .....	225
Posfácio.....	295
Epílogo.....	303
Referências.....	305
Agradecimentos .....	313
Índice remissivo .....	315
Sobre os autores .....	327

*Este livro é dedicado aos meus antepassados,  
os Kennedy de Yonkers, Nova York.  
Pessoas esforçadas, generosas e honestas.*

# UMA NOTA AOS LEITORES

22 DE NOVEMBRO DE 1963  
MINEOLA, NOVA YORK  
POR VOLTA DAS 14h

Os alunos do primeiro ano ficaram atônitos na aula de religião ministrada pelo padre Carmine Diodati. Pelo alto-falante, um informe da rádio invadiu a classe no Chaminade High School. O presidente John F. Kennedy havia sido baleado em Dallas, no Texas, e levado para o hospital. Pouco tempo depois, todos seriam informados de sua morte. Ninguém soube o que dizer.

A maioria dos americanos que nasceu antes de 1953 sabe exatamente onde estava quando ouviu a notícia do assassinato de JFK. Os dias seguintes àquela terrível sexta-feira foram de muita tristeza e confusão. Por que aquilo aconteceu? Quem realmente matou o presidente? Afinal, em que tipo de país nós vivíamos?

O assassinato de JFK foi um tanto pessoal para mim. Minha avó materna se chamava Winifred Kennedy, e minha família católica irlandesa tinha profundos laços emocionais com o jovem presidente e sua família. Foi como se alguém da minha própria casa tivesse morrido de forma violenta. Como a maioria das crianças de Long Island, eu não me importava muito com as questões da política nacional. Ainda assim,

lembro-me claramente das fotos de JFK exibidas nas casas dos meus parentes. Para eles, JFK era um santo. Para mim, ele era uma figura distante que sofreu uma morte terrível, com seu cérebro esparramado em cima do porta-malas de um carro. A cena de sua esposa, Jacqueline, debruçada sobre a traseira da limusine tentando pegar os restos do crânio despedaçado do presidente ficou marcada para sempre na minha memória.

\* \* \*

Martin Dugard e eu ficamos muito satisfeitos com o grande sucesso de *Killing Lincoln*. Nosso objetivo sempre foi tornar a história acessível para todos. Quisemos contar aos leitores exatamente o que aconteceu, de forma divertida e informativa, e por que aconteceu. Depois de narrar os últimos dias de Abraham Lincoln, chegar a John Kennedy foi um passo natural.

Muito já foi dito sobre as grandes similaridades entre esses dois homens. Na verdade, os paralelos são incríveis:

- Lincoln foi eleito pela primeira vez presidente em 1860, e Kennedy, em 1960.
- Os dois foram assassinados em sextas-feiras na presença de suas esposas.
- Seus sucessores foram ambos sulistas de nome Johnson, e ambos atuavam no Senado.
- Andrew Johnson nasceu em 1808, e Lyndon Johnson, em 1908.
- Lincoln foi eleito para o Congresso em 1846, enquanto Kennedy foi eleito para a Casa dos Representantes em 1946.
- Os dois perderam filhos enquanto cumpriam seus mandatos.
- Booth matou Lincoln em um teatro e depois fugiu para um depósito, enquanto Oswald baleou Kennedy de um depósito onde se escondia e fugiu para um teatro.

Em 1963, poucos americanos compreenderam o quanto o assassinato de JFK mudaria o país. E, em nossos dias, esclarecer eventos históricos que envolvem questões políticas é complicado. Por isso, neste livro, tentaremos deixar tudo isso de lado e mostrar apenas os fatos. Nem todos os fatos, pois alguns, infelizmente, ainda não vieram à tona. Na nossa narrativa, Martin Dugard e eu chegamos até onde as provas concretas nos levaram. Não somos afeitos a teorias conspiratórias, por mais que

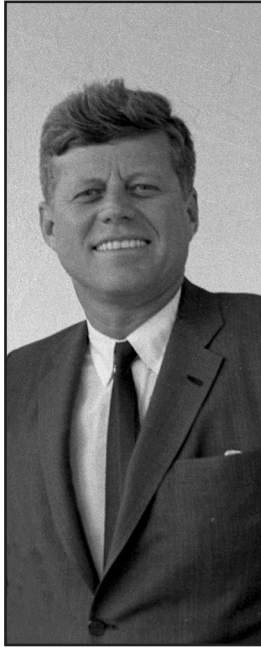
tivéssemos chegado sim a levantar questões não respondidas e pontos inconsistentes.

No entanto, antes de seguir adiante, saiba que este livro baseou-se em fatos e que parte do que você irá ler aqui nunca antes viera a público.

A verdade sobre o presidente Kennedy tem alguns momentos heroicos e outros perturbadores. A verdade sobre como e por que ele foi assassinado é simplesmente cruel. Mesmo assim, essa é uma história que todos os americanos deveriam conhecer.

Está tudo aqui neste livro. É um grande privilégio para mim oferecê-lo a você.

BILL O'REILLY  
*Maio de 2012*  
*Long Island, Nova York*



---

29/05/1917 – 22/11/1963

---

# PRÓLOGO

20 DE JANEIRO DE 1961  
WASHINGTON D.C.  
12h51

O homem com menos de três anos para viver está com a mão esquerda sobre a bíblia.

O chefe de Justiça dos Estados Unidos, Earl Warren, está de pé à sua frente e recita as palavras do juramento presidencial. “O senhor, John Fitzgerald Kennedy, jura solenemente...”

“Eu, John Fitzgerald Kennedy, juro solenemente”, responde o novo presidente com seu sotaque de Boston. Seus olhos estão fixos no jurista cujo nome depois seria conhecido como sinônimo da morte do próprio Kennedy.

O novo presidente, nascido em berço de ouro, tem um estilo refinado ao falar que poderia distanciá-lo do eleitorado. Mas ele é um homem que sabe transmitir entusiasmo e para quem ser simpático é muito fácil. Ele chegou a brincar abertamente sobre a vasta fortuna de seu pai durante a campanha, neutralizando essa polêmica com muito humor e candura para que o cidadão americano comum confiasse no seu discurso que prometia fazer dos Estados Unidos um país melhor. “Homens humildes da Virgínia Ocidental ouviram um homem de Boston dizer que precisava de sua ajuda, e o ajudaram. Nos confins de Nebraska,

com o típico gesto incisivo da mão direita, ele explicou que os Estados Unidos poderiam ser uma nação ainda mais grandiosa, e os agricultores entenderam o que ele queria dizer”, comentou um escritor sobre a imensa simpatia de Kennedy.

Nem isso tornava JFK uma unanimidade. Ele venceu Richard Nixon em votação popular por uma margem minúscula, com apenas 49 % dos votos. Aqueles agricultores podiam entender o que Kennedy queria dizer, mas 62 % dos cidadãos de Nebraska haviam votado em Nixon.

“Que executará fielmente o cargo de presidente dos Estados Unidos.”

“Que executarei fielmente o cargo de presidente dos Estados Unidos...”

Oitenta milhões de americanos estão assistindo à cerimônia de posse pela tevê. Vinte mil outros estão acompanhando o evento ao vivo. Vinte centímetros de neve se acumularam como uma camada grossa e úmida ao cair sobre Washington D.C. durante a noite. O exército precisou usar lança-chamas para liberar as ruas. O sol agora brilha sobre o Capitólio, mas um vento brutal açoita a multidão. Os espectadores tentam se proteger com sacos de dormir, cobertores, suéteres grossos e casacos de inverno – qualquer coisa serve para esquentar.

Mas John Kennedy ignora o frio. Ele até tirou o sobretudo. Aos 43 anos, JFK emana uma aura de bravura e vigor. O fato de ele estar sem casaco, cartola, cachecol ou luvas é um gesto ensaiado, estratégia cuja intenção é enfatizar sua imagem atlética. Ele está em forma e tem pouco mais de um metro e oitenta de altura, olhos verde-acinzentados, sorriso encantador e um forte bronzeado graças a viagem recente à casa de sua família em Palm Beach. Apesar de parecer tão cheio de saúde, o histórico médico de JFK é preocupante. Kennedy já havia recebido extrema-unção da Igreja Católica Romana em duas ocasiões. Seus problemas de saúde continuarão a atrapalhá-lo nos anos seguintes.

“E dará o melhor de si...”

“E darei o melhor de mim...”

Entre o mar de dignitários e amigos em torno dele, há três pessoas de importância vital. A primeira é seu irmão mais jovem, Bobby, escolhido com relutância para o cargo de procurador-geral. O presidente



o respeita mais pela sua honestidade como conselheiro do que por suas habilidades jurídicas. Ele sabe que Bobby sempre lhe dirá a verdade, por mais cruel que ela possa ser.

Atrás do presidente está o novo vice-presidente, Lyndon Johnson. Pode-se dizer, e o próprio Johnson também acredita nisso, que Kennedy foi eleito graças a esse texano alto e durão. Sem Johnson em cena, Kennedy poderia nunca ter vencido no estado da estrela solitária, sob risco de ficar, portanto, sem os preciosos 24 votos eleitorais. Ainda assim, a chapa Kennedy-Johnson venceu apenas pela parca margem de 46 mil votos no Texas – uma proeza que precisaria ser repetida, caso Kennedy quisesse ser reeleito.

Por fim, o novo presidente olha para sua jovem esposa logo atrás do ombro esquerdo de Earl Warren. Jackie Kennedy está radiante em seu casacão cinza e chapéu combinando. Cabelos castanho-escuros e uma gola de pele emolduram seu belo rosto. Seus olhos cor de âmbar brilham de empolgação; e ela não mostra nenhum sinal de cansaço, apesar de ter ficado acordada até as quatro da manhã. Não faltou bebida na comemoração pré-possesão, que contou com nomes como Frank Sinatra e Leonard Bernstein. Jackie foi para casa em Georgetown muito antes da festa acabar, mas sem seu marido. Quando finalmente voltou, pouco antes das quatro da manhã, John encontrou sua esposa ainda de pé, ansiosa demais para dormir. Enquanto a neve continuava a cair sobre motoristas parados e fogueiras improvisadas nas ruas de Washington, o jovem casal se sentou junto naquele fim de madrugada para conversar. Ele contou sobre o jantar organizado pelo seu pai, e conversaram empolgados sobre a cerimônia de posesão. Seria um dia extraordinário, com a promessa de muitos outros ainda por vir.

John F. Kennedy sabe muito bem que o público adora Jackie. Na noite anterior, quando a limusine dos Kennedy passou pela multidão nas ruas nevadas de Washington, o presidente eleito pediu que as luzes dentro do carro fossem acesas para que as pessoas pudessem ver sua esposa. O glamour, o estilo e a beleza de Jackie cativaram os Estados Unidos. Ela fala fluentemente francês e espanhol, fuma em segredo cigarros com filtro um após o outro e prefere espumante a coquetéis. Como seu marido, Jackie tem um sorriso estonteante, mas faz um contraponto tímido ao jeito extrovertido de John. Ela não confia muito em estranhos.

Apesar de sua imagem glamorosa, Jackie Kennedy já enfrentou grandes tragédias em seus sete anos de casamento. Ela perdeu o primeiro bebê do casal em um aborto espontâneo, e, na segunda gravidez, deu à luz uma menina natimorta. Mas também viveu a alegria de dois partos saudáveis, dando à luz Caroline e John Jr., e a impressionante ascensão de seu belo e jovem marido: de político de Massachusetts a presidente dos Estados Unidos.

Sua tristeza ficou para trás. O futuro parece promissor e sem limites. A presidência Kennedy destina-se a ser, como no bordão de um novo sucesso no Majestic Theater da Broadway, muito semelhante à mítica Camelot, onde “simplesmente não há lugar melhor para um final feliz”.

\* \* \*

“Preservar, proteger e defender a Constituição dos Estados Unidos...”

“Preservar, proteger e defender a Constituição dos Estados Unidos...”

O antecessor de Kennedy, Dwight Eisenhower, está ao lado de Jackie. Atrás de Kennedy, estão Lyndon Johnson, Richard Nixon e Harry Truman.

Normalmente, a presença de apenas um desses dignitários em qualquer evento exigiria um aparato de segurança maior. Ter todos eles presentes na cerimônia de posse, sentados tão perto uns dos outros, é um verdadeiro pesadelo para os seguranças.

O Serviço Secreto está em alerta total. Seu trabalho é proteger o presidente. Aos 55 anos, o agente e diretor chefe U.E. Baughman está no comando do Serviço Secreto desde o mandato de Truman. Ele acredita que o estilo atlético de Kennedy e seu gosto por se embrenhar em multidões transformará a tarefa de protegê-lo num desafio inédito na história. O esguio Baughman, com seu característico corte de cabelo curto, quase evacuou o palanque principal três vezes hoje, preocupado com a segurança do presidente. Em uma delas, quando uma fumaça azul começou a subir do púlpito durante a oração inicial, surgiu a preocupação com a possibilidade de uma bomba. Agentes correram para investigar. Logo descobriram que a fumaça vinha do motor que erguia e abaixava o púlpito. Para resolver o problema, bastou desligar o motor. Agora, os agentes de Baughman estão de olho na multidão, ansiosos com a proximidade do